

# diálogos

## no espaço democrático

espaço  
democrático  
Fundação para Estudos e Formação Política do PSD

A POLÍCIA NO BRASIL

TRÁFICO DE DROGAS  
NÃO É O MAIOR PROBLEMA DA  
SEGURANÇA

Conversa com

**JOSÉ VICENTE DA SILVA**

Coronel reformado da  
PM de São Paulo e ex-secretário  
nacional de Segurança Pública





**diálogos no espaço democrático** são publicações do Espaço Democrático, a fundação para estudos e formação política do PSD



## BRASIL FALHA NA GESTÃO E NO PREPARO DAS POLÍCIAS

**A** segurança pública é uma tragédia no País, mas o tráfico de drogas não é o principal problema. A afirmação é de um dos maiores especialistas brasileiros na área, **José Vicente da Silva Filho**, coronel reformado da Polícia Militar de São Paulo e ex-secretário nacional de Segurança Pública. Ele participou em agosto de 2023 de reunião dos consultores do Espaço e debateu com eles o tema *“Criminalidade e a atuação da polícia brasileira”*.

Citando números do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, ele destacou que o grande problema no Brasil é a “péssima gestão” da área de segurança na maioria dos Estados. “Não é falta de gasto ou de estrutura, temos um problema dramático de gestão”, afirmou, lembrando que o despreparo policial gera grande discrepância nos registros de violência nos diversos Estados.

“No Norte e no Nordeste, vemos uma impressionante deterioração da segurança pública, enquanto nas regiões Sul e Sudeste, com exceção do Rio de Janeiro, os índices de violência estão próximos ou melhores do que os de países do Primeiro Mundo”, disse o coronel José Vicente. Lembrou como exemplo os Estados da Bahia, com índice de 40 homicídios por 100 mil habitantes, e São Paulo, onde ocorrem 10 mortes ou menos por 100 mil habitantes.

Este caderno traz a íntegra daquela palestra. Boa leitura.



**Sérgio Rondino** - Esta é mais uma reunião semanal dos consultores e colaboradores do Espaço Democrático, hoje para tratar de um tema que está nas manchetes há vários dias por causa do conflito entre traficantes e a PM paulista no Guarujá: a questão da criminalidade, da violência e da atuação das polícias brasileiras. Vamos conversar com o coronel **José Vicente da Silva**, um respeitado especialista do assunto que gentilmente atendeu ao nosso convite.

Coronel, seja muito bem-vindo ao Espaço Democrático.

**Coronel José Vicente da Silva** - Agradeço a oportunidade de estar com vocês, honrado com a presença de gente ilustre e amigos ao mesmo tempo.

**Sérgio Rondino** - Participam desta nossa reunião o jornalista **Marcos Garcia**, que é da equipe de comunicação do Espaço Democrático; o cientista político **Rogério Schmitt**; o economista **Roberto Macedo**; o sociólogo **Túlio Kahn**, também um especialista na área de segurança pública; a senadora suplente e secretária do Espaço Democrático, **Ivani Boscolo**; o cientista político **Rubens Figueiredo**; o consultor em saúde, ex-secretário municipal de saúde e ex-

-presidente da ANS, **Januario Montone**; e o economista **Luiz Alberto Machado**. Eu sou o coordenador de Comunicação da Fundação Espaço Democrático.

Coronel, eu me lembrei hoje, a propósito desta nossa conversa, que há pelo menos 30 anos fiz uma série de reportagens no **Jornal da Tarde** sobre a questão da guerra ao tráfico de drogas no Brasil e no mundo, incluindo um debate com especialistas sobre como resolver o problema. A conclusão na época foi que era uma guerra difícil de vencer. Passaram-se 30 e tantos anos e parece que o quadro piorou. Hoje nós temos, no Brasil, a criminalidade muito mais armada, territórios em que o Estado não consegue entrar, numa situação muito mais grave. E, de maneira geral, muitas cidades sofrendo com a criminalidade urbana. A minha pergunta, para a gente começar a nossa conversa, é se as nossas polícias estão preparadas para enfrentar esse problema ou se é preciso que alguma coisa mude.

**Coronel José Vicente da Silva** - Já tive experiência de participar de discussões neste Espaço Democrático, o Tulio foi a ponte. Eu e ele temos um velho relacionamento, trabalhamos juntos na Senaspe (*Secretaria Nacional de Segurança Públi-*

*ca*), em 2002. De lá para cá a gente vem olhando a segurança pública, acompanhando tanto quanto possível. É uma coisa que a gente não consegue evitar, na verdade. É cercado a todo momento de novidades, impressões ou de oportunidades de dar uma contribuição na área. É um assunto que precisa de análise, de contribuições de muitas pessoas. De maneira geral, a segurança pública vai mais ou menos bem ou mais ou menos mal.

Olhando o mapa do Brasil, a metade de cima está uma tragédia monumental, e a droga nem é tão relevante assim, como muita gente diz. Mas os Estados do Nordeste e do Norte do País estão numa situação absolutamente crítica em relação aos demais, do Sul e Sudeste, que têm uma situação bem melhor quando se mede pelas estatísticas. Para se ter uma ideia, a capital mais violenta hoje é Salvador - a Bahia, há uns 10 anos, vem escalando o grau de deterioração da qualidade da segurança, uma coisa impressionante. Deve ter o dobro de homicídios que São Paulo, apesar de ter um terço da população de São Paulo.

Nós temos problemas sérios no Pará, Amazonas, Amapá. Essa região toda está muito contaminada, principalmente pela péssima gestão da segurança pública. O Estado do Amapá tem a população de São Bernardo do Campo - acho que menos ainda. Tem o maior contingente de policiais, proporcionalmente à população, tem o primeiro ou segundo maior gasto per capita em segurança, e tem um dos maiores indicadores de homicídios e letalidade policial. Não é falta de gasto, não é falta de estrutura, é um problema dramático de gestão, mesmo.

Eu tenho uma posição muito crítica em relação aos posicionamentos que o pessoal do Fórum Brasileiro de Segurança Pública tem feito, de querer explicar a movimentação dos indicadores de homicídios pelo fator causal preponderante, que seria a movimentação de grupos de traficantes nos territórios locais. Então, quando o crime cai é porque pacificou o território entre as facções; quando aumenta é porque estão brigando. Eles são tão cícosos em

buscar, pela Lei de Acesso à Informação, os dados das secretarias de segurança nos mínimos detalhes - dos homicídios, latrocínios, etc -, mas as facções não atendem aos pedidos pela Lei de Acesso à Informação. Não sei como eles obtêm. E eu digo isso por algumas evidências. Tive muito contato com setores de inteligência da Polícia Militar até dois anos atrás e nós conversamos muito sobre essa questão do PCC no Estado, etc. A posição deles é clara: o PCC tem alguma influência em algumas áreas, mas muito delimitada, não tem relação direta com os indicadores de São Paulo.

Um aspecto importante, já que eu mencionei aqui essas discrepâncias Norte-Sul ou Nordeste-Sul-Sudeste, é que São Paulo tem indicadores extremamente positivos. Junto com Santa Catarina, são os Estados que mais se destacam - o Tulio acompanhou bastante, trabalhou oito anos na Coordenadoria de Análise e Planejamento. Dos especialistas em segurança, o Tulio é o que mais olhou dentro da máquina, como funciona a casa de máquinas das polícias.

A cidade de São Paulo mesmo, com todo esse gigantismo de 11 milhões de habitantes e 104 km de comprimento, está com padrão de cidade média americana, praticamente. Estou falando de homicídios, claro. Temos outras dimensões de crimes que são preocupantes também. Eu acabo de vir de Santos, que no primeiro semestre teve quatro homicídios. Deve fechar o ano com padrão de Oslo (*capital da Noruega*), mais ou menos 1,9 homicídio por 100 mil habitantes. Nos Estados Unidos é difícil achar isso. No ano passado Santos foi mal; neste ano está tendo queda de uns 60%. No ano passado teve 20 homicídios. New Orleans (*EUA*) teve 280, para vocês terem uma comparação. É bom ter um pouco de contexto para a gente pensar o problema.

O que estamos observando é que, por deficiências dos aparatos policiais, tivemos um crescimento exponencial de algumas ações do crime organizado no País. O crime se organiza porque tem lucratividade, nós temos grandes centros urbanos que são

grandes centros de consumo. Onde há consumo, o fornecedor vai aparecer. Mas o Brasil apareceu também nessa história toda como um grande canal de fluxo de exportação de drogas que vem dos vizinhos - Bolívia, Colômbia e Peru, principalmente. E o Brasil consome: já se estimou que 50, 60 toneladas são cheiradas aqui. E outro tanto, talvez mais do que isso, é exportado para Europa, Ásia, África. O crime é internacional, faz grandes negócios. Temos enormes facções internacionais do crime organizado que estão financiando de alguma forma, orientando, instrumentalizando alguns grupos, que se fortaleceram para fazer a exportação. Antes do PCC a exportação já existia, o consumo já existia. Mas um grupo se estruturou um pouco mais para cuidar desse grande negócio.

Santos é um porto de exportação de cocaína. Não sei como está hoje, mas se comprava a pasta-base a 3 mil, 5 mil dólares o quilo, e se vendia a 30 mil dólares na Europa. É um bom investimento. Tem muito investidor até hoje - não acharam, evidentemente - que ajuda a comprar e recebe o lucro do crime, que é lavado em outros países.

O que parece ser um efeito do tráfico mais diretamente na violência, na minha avaliação, são alguns locais em que houve a ampliação do mercado de drogas e há disputa de territórios, como é o caso do Rio de Janeiro. Historicamente, o Rio tem uma deficiência na estrutura policial. Eu vou dar alguns dados para vocês terem alguma ideia. Eu fui coletando dados ao longo de algum tempo e escrevi um artigo grande para o economista **(João Paulo) Reis Veloso**, um *paper* que foi publicado em 2007. E já identificávamos as deficiências das polícias, principalmente da Militar. Um altíssimo grau de corrupção das polícias nas ruas, uma desorganização monstruosa. Vou dar alguns rápidos dados sobre o que significa isso.

A principal atividade de uma polícia capacitada ao processo de prevenção é o que chamamos de polícia territorial. Não fica olhando o lado cinema-

tográfico dos BOPES, ROTAS e BAEPS, todas essas siglas-monstro que existem por aí - há também o CORE, tropa de choque da Polícia Civil do Rio, uns 400 homens para trabalho de guerra. Mas no Rio de Janeiro, pela Lei de Acesso à Informação, o jornal O Globo descobriu que 49% do efetivo da polícia estavam no policiamento. Onde estava o resto? Da Polícia Civil - que é a polícia territorial, com delegacia, batalhão, pessoal que a gente vê no dia a dia, fora os heroicos camuflados aí - apenas 1/3 estava lotando as delegacias distritais. O resto estava flinando por aí. E isso na gestão do badalado secretário **Mariano (José Mariano Beltrame)**, que era delegado da Polícia Federal.

A major da reserva da PM aqui de São Paulo, **Tânia Pink**, fez um trabalho de pós-doutorado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro e comparou a letalidade das PMs de São Paulo e do Rio. Ela trabalhou no setor de análise de letalidade de São Paulo, onde comissões interrogavam policiais envolvidos em casos de homicídio não para fins criminais, de investigação, mas para ver tecnicamente se o procedimento havia sido adequado. E tentou isso no Rio. Esse trabalho dela tem uns seis, sete anos, por aí. E o que ela constatou? Aqui em São Paulo existe um pacote de POPs, que é o Procedimento Operacional Padrão. É um livro da Dona Benta. O que fazer se acontecer tal coisa? A abordagem de pessoas, por exemplo, tem um conjunto de 14 passos na receita. E os policiais são treinados para isso, de acordo com esse padrão. E o procedimento será cobrado.

Aqui em São Paulo, já há 12 anos, a preparação básica do soldado é de dois anos. É um curso de tecnólogo em segurança, um curso de qualidade. A academia, há um tempo, pegou a ISO 9002, se não me engano. No Rio de Janeiro não tem POP. Não tem padrão nenhum. Parece que até hoje não tem. Se não tem POP, não tem trena, não tem treinamento direcionado para algumas ações que são do dia a dia, do cotidiano, ações complicadas, como é o caso de abordagem, que é um momento de perigo que

os policiais têm. O treinamento é precário, de seis meses, e a supervisão, que é um processo crítico em polícia de qualquer lugar do mundo...

Em São Paulo, um tenente se faz em quatro anos de academia. E o sargento, além de um ano de soldado, faz mais um ano de preparação para ser sargento, depois de um concurso difícil. No Rio de Janeiro, todo soldado vira cabo e em dez anos todo mundo vira sargento. Sem preparo. Tem sargento motorista, sargento da portaria do quartel-general... Um repórter da *Folha de S. Paulo* comentou comigo: "Fui no QG e havia um sargento abrindo o portão para o meu carro entrar". Então, o que acontece? Não tem qualidade de supervisão. Policial atira na sombra. Viu um suspeito, assusta, atira e mata.

Só um dado para vocês tentarem entender meu raciocínio: fiz um levantamento sobre a letalidade policial e ela acontece principalmente no contexto em que o policial vai prender alguém. Alguém está cometendo um crime, ele não quer ser preso, eventualmente reage e o policial atira. É o padrão de treinamento aqui, nos Estados Unidos e na Europa: com uma arma apontada para ele, o policial dá dois tiros no peito. Por que não atira na perna? Porque até procurar a perna do sujeito vai tomar um tiro na testa. Então o policial busca a maior massa corporal que tem na frente, na direção dos olhos, da mão. Meu levantamento mostrou que em São Paulo há uma morte a cada 527 prisões. No Rio há uma morte a cada 29 prisões.

Tulio Kahn - Aqui no Guarujá, na Operação Escudo, foi uma para cada 10, só para se ter uma noção. Eu calculei 160 prisões e 16 mortes.

Coronel José Vicente da Silva - Isso é uma forma de avaliar, mas se você vai em algumas áreas integradas de segurança pública, há lugares que eu levantei, como São Gonçalo, Niterói, que tem uma morte a cada 12 prisões. O cara bobou, toma bala. E vimos lá aquela imagem desta semana, um "Caveirão" blindado com sangue escorrendo na parte de trás. Só que polícia não transporta

cadáver e nem transporta ferido. É proibido por lei. Então, esse é o estado de avacalhação.

No Rio de Janeiro as facções cresceram e brigam muito entre si, dividindo territórios. Não há coisa pior, no contexto de segurança em qualquer país, do que ter territórios dominados por facções, seja lá o que for. E nós temos três grandes facções no Rio - o Comando Vermelho, o Primeiro Comando Puro e o Amigo dos Amigos, o tal ADA. E, além disso, existe a cooptação, a corrupção da polícia, a tolerância com coisas intoleráveis. O Rio de Janeiro ainda tem mais de 200 comunidades, se existe um cálculo preciso, e muitas delas estão nas mãos de milícias. É uma coisa impressionante, milícia só tem no Rio. É uma particularidade que começou em Rio das Pedras, há 20 anos - "aqui não entra traficante". Foi essa conversinha, eles seriam uns justiceiros do bem, e progrediram. As milícias passaram a ser vistas como bom negócio, foram sendo copiadas. Então, o Rio vive nesse inferno.

Os indicadores de homicídios não são tão elevados, até baixaram, mas as informações são só razoáveis, nunca são 100% confiáveis. Em muitos lugares só a milícia, ou os próprios traficantes, podem matar. O Zé Mané que briga com o Tiãozinho no boteco não pode. Isso pode ter colaborado, dizem, para a redução dessas taxas. No Rio de Janeiro, como no resto do Brasil, estamos olhando o conjunto da obra, mas já estivemos em situação pior. No governo Dilma Rousseff tivemos mais de 60 mil homicídios, número que caiu para 41 mil ou 42 mil, no ano passado. Então, houve uma queda. Nacionalmente, estivemos ao redor de 30 mortos por 100 mil, agora estamos na faixa dos 20 mortos por 100 mil. É um indicador que se usa internacionalmente - quantas pessoas morrem a cada grupo de 100 mil, para poder comparar momentos e áreas diferentes.

Nós estamos bem? Não estamos, evidentemente. Um grande estudioso da Universidade de Cambridge, **Manoel Weisner**, que estuda agressão mortal, a mortalidade intencional, esteve num evento

aqui em São Paulo. Ele estuda historicamente. Então, como era a Inglaterra há 300 anos, ou como eram vários outros países? O que ele percebe, de maneira geral, é que no mundo a curva de homicídios vem caindo, o mundo está se civilizando, com a exceção da América Latina, provavelmente. Ele tem uma escala que diz o seguinte: até um morto por 100 mil habitantes são sociedades pacificadas. De um a dez, são as semi-pacificadas, onde estão São Paulo, Santos, Botucatu... Estão chegando pertinho do índice de Japão, Cingapura, Noruega. Nas semi-pacificadas é um dígito. Daí para cima começa a escalar um grau de gravidade, porque índice de homicídios não revela só os mortos, mostra um grau de enfraquecimento da sociedade, de brutalidade da sociedade. Esse indicador está denunciando um estado de coisas intolerável, na verdade. Então, nós temos Salvador, com 41 mortos por 100 mil, mas nós temos do lado de Salvador a cidade de Lauro de Freitas, acho que está com 70. Tem municípios com 80, 100. O que o governo está fazendo lá?

**Sérgio Rondino** - Posso acrescentar um dado que está nesse último anuário? Das 20 cidades mais violentas do Brasil, 14 estão no Estado da Bahia.

**Tulio Kahn** - Bahia, Pará...

**Coronel José Vicente da Silva** - Esse é o lado da miséria. Mas como, no mesmo país, com as mesmas leis, a mesma miséria social que de certa forma tem na periferia de São Paulo, temos indicadores tão discrepantes? Se estivéssemos em uma sociedade tipo Noruega, que só tem classe média, ou numa com legislação menos permissiva, com menos impunidade, Irã ou Estados Unidos, seria melhor? Bom, com todo esse pacote comum, temos indicadores baixos aqui em São Paulo. Fiz um levantamento interessante dos bairros da periferia de São Paulo quando estava no Instituto **Fernand Braudel** fazendo umas pesquisas. E estava lá o estatís-

tico **José Perez Neto**. Nós tínhamos a cidade mais violenta, os bairros mais violentos de São Paulo. Na época, não tínhamos dados da população dos bairros, então o Perez fazia os homicídios por proporção, pela quantidade de boletins registrados na delegacia. Mais recentemente a USP (*Universidade de São Paulo*) fez um levantamento a partir dos distritos censitários e conseguiu chegar à população regredindo até 20 anos atrás. Projetando um pouco para a frente, eu fui examinar. Em 1998, lá pelos números do Instituto Braudel, o Capão Redondo tinha 270 mil habitantes e teve 195 homicídios. Ano passado, com 70 mil habitantes a mais, caiu de 195 para 27, uma coisa assim.

Eu li um livro de um professor da Universidade de Nova York, **Patrick Sharkey**, um sociólogo, meio de esquerda - esquerda americana, não a nossa. E ele escreve sobre *The Great Crime Decline*, a grande queda da violência nos Estados Unidos. Ele mostra umas coisas interessantes sobre o processo de democratização da segurança. A segurança vem para todo mundo, o que é óbvio. Então, vamos ver hoje naquele fundão da zona Sul de São Paulo o Capão Redondo e o Jardim Ângela - este foi o bairro mais violento do Brasil. O padrão de Jardim Ângela hoje é padrão de Florianópolis. Claro, é uma sociedade ainda desorganizada, mas se agora teve esse padrão é porque houve melhoria substancial. O Patrick mostra, inclusive, os efeitos de melhorias contínuas a partir do momento em que você entra numa sociedade que vai se pacificando.

É um pesquisador da Universidade do Sul da Flórida, o nome dele é **Dave Diamond**, um neurocientista, fez uma experiência. Colocou em uma gaiola metade de uma ninhada de ratos que nasceram todos juntos e deixou eles crescerem do lado de um gato. Então, eles passaram a vida com aquele gato azucrinando. A outra metade ficou longe do gato. Depois de um certo tempo foram fazer um teste de inteligência, de capacidade cognitiva dos ratinhos. Jogaram todos em um labirinto para avaliar a veloci-

dade com que chegavam até o fim. Os ratinhos que estavam perto do gato bravo tiveram um péssimo desempenho, ficaram burros em relação aos seus irmãos, que cresceram num ambiente salutar.

E com essa descoberta o Patrick Sharkey foi para Nova York pesquisar lugares onde havia violência explícita. Era encontrar onde havia cadáver pela rua, gente estuprada, baleada, enfim, sinais de violência muito impactantes para crianças. Pouca gente se dá conta de que uma criança que vê um morto pode ficar o resto da vida impactada. E Sharkey foi verificando que as crianças, em bairros violentos, tinham mau desempenho escolar. Então, o que se observa? Quando se reduz a violência, o contexto até de aprendizagem social vai ser amenizado para esses jovens.

A **Joana Monteiro**, economista no Rio de Janeiro, uma moça brilhante, fez um trabalho interessante - e há outras entidades no Rio mostrando isso também. Acho que foi em 2018, no Rio, que pelo menos 250 escolas municipais pararam um dia ou mais por causa de tiroteio. As professoras ensinam as crianças: "Se tiver tiroteio, todo mundo se esconde debaixo da mesa". Troca de tiros, polícia, tiroteio, fecha escola. No último, em Jacarezinho, a polícia entrou lá e matou 17. Fechou escola, posto de saúde, estação de trem, a vacinação foi interrompida. Entre 2007 e 2020 foram mais de 200 operações policiais, mataram 186.

Então, o que eles observaram? Crianças de escolas onde havia tiroteio, do mesmo nível socioeconômico de outras de escolas onde não havia, tinham mau desempenho escolar, abandono da escola e comprometimento futuro. Estamos falando de poder o futuro da criança. Então, a violência tem alguns impactos que não estamos percebendo: "matou, morreu, foi preso"... Não é só isso. Tem os custos não contabilizados pelos anuários.

Mas nós estamos evoluindo positivamente. Mencionei Santa Catarina, mas Minas Gerais está progredindo positivamente também. Distrito Federal

tem uma polícia muito bem paga e um efetivo muito grande, também está tendo bom resultado. Temos resultados surpreendentes em Mato Grosso do Sul, que teve o melhor índice de esclarecimento, de investigação de homicídios, de mais de 80%. Em São Paulo é 50% e Rio de Janeiro, 11%. Pará, 4%. Existem algumas coisas andando aí, coisas positivas. Paraná está indo razoavelmente, Rio Grande do Sul, depois de uma fase ruim, está dando uma melhorada. O Sul-Sudeste, de maneira geral. Os que estão indo disparadamente bem, com todos os desafios que têm - e têm muitos -, são Santa Catarina e São Paulo.

Só para terminar, gostaria de mencionar que fui uma vez visitar a polícia da Filadélfia e vi o plano estratégico deles - estou até tentando achar entre os meus guardados em casa. Fui lá com o **Jack Green**. Missão da polícia, uma coisa irretocável, nunca mais esqueci: contribuir para a qualidade de vida da população da Filadélfia através da redução do crime, da redução da desordem e da redução do medo. Então, a função de todo o aparato de segurança não é matar, atacar, é melhorar a qualidade de vida da sociedade. Às vezes demora muito até para o governo entender esse grande papel que ele tem. Mas é isso aí.

**Luiz Alberto Machado** - Há muitos anos, um subprefeito de um dos bairros da Zona Sul de São Paulo me convidou para ir a um cemitério da região e me mostrou que muitos dos enterrados como indigentes eram jovens de 15, 16 anos, mortos em guerras de traficantes. Essas coisas continuam acontecendo?

Uma segunda questão: a cidade de Medellín, na Colômbia, hoje é um caso histórico de cidade que deixou de ter índices alarmantes de homicídios e se tornou uma cidade muito mais pacífica. Mas, pelo que eu lembro, esse caso teve muito pouco a ver com o combate ao crime e mais a ver com urbanização e educação. Essas estratégias são positivas em qualquer lugar?



**Coronel José Vicente da Silva** - São. Vou ser mais breve na resposta. O economista Samuel Pessoa disse que “quem mais salva jovem pobre aqui no Brasil é a Polícia Militar de SP”. Por quê? Nós tínhamos em janeiro de 2000 perto de 13 mil homicídios, hoje estamos com 3 mil. Quem foi salvo? No Jardim Ângela o número de homicídios caiu de 195 para menos de 30 - jovens, pretos e pobres. E a variável principal foi trabalho de polícia, mesmo. A Polícia Civil fez um trabalho bacana lá, num certo momento, contra matadores de um grupo que se chamava “O bando do Bronx”, nome importado. Grupo que matara uns 70 caras.

Mas existe um conceito chamado “urbanismo social”, que foi muito aplicado em Medellín. Eu fiz uma palestra agora com entidades de iluminação pública na Fiesp. O fato é que a tendência das polícias mais maduras, mais desenvolvidas, mais responsáveis, mais preparadas, é caminhar cada vez mais na direção de parcerias com as prefeituras e comunidades. Porque a prevenção não se faz com as tropas especiais chegando no tiro e matando, depois saindo do local e dali a pouco voltando de novo, matando mais um pouco, saindo de novo. Não é mais assim.

Fui a algumas reuniões no Jardim Ângela. Havia lá muitas entidades e ONGs trabalhando com velhos,

com crianças, até com a represa ali perto, na área ambiental. Quando a polícia triplicou o efetivo que existia lá, colocou uma nova gestão em praticamente toda aquela região, a situação foi se pacificando, essas ONGs cresceram. Elas tinham dificuldade para trabalhar. A polícia abriu a clareira e foi construindo espaço para o trabalho delas.

Mas hoje existe um conceito que está chegando devagar ao Brasil, mas já tem pelo menos 20 anos aí fora, Portugal usa muito esse conceito. É o CP-TED, a sigla internacional para *Crime Prevention Through Enviromental Design*. Ou seja, prevenção criminal através do desenho urbano, desenho social. Um exemplo que eu costumo usar é o de que nós temos duas praças da Sé. Temos aquela suja, onde acontece de tudo, não está bem iluminada, pessoas comem alguma coisa e jogam o resto no chão, outras dormem em cima dos banquinhos. Aí você desce 20 metros e chega ao metrô, onde nada disso acontece. Está iluminado, limpinho, vigiado, não se joga nem papel de bala no chão.

É possível levar esse comportamento para os bairros, e foi o que Medellín fez. Por que bairro pobre tem que ter jardim malcuidado, iluminação precária? Quando se eleva essa qualidade do ambiente, você percebe uma coisa: o crime é um tripézinho.

Se você tirar um pé, ele cai. Um é o bandido, se você prender o bandido, cai. O outro é a vítima, o alvo. Um carro que está abandonado, ele vai furtar. E o outro é o local onde essas coisas acontecem. O local é gestão de prefeitura, a polícia não tem gestão de local. O local é iluminação, por exemplo.

Vocês devem lembrar a crise do petróleo, final de 73. A Inglaterra teve uma experiência curiosa entre dezembro de 73 e fevereiro de 74: ela reduziu 50% da iluminação, por economia de energia. Dobraram os furtos de residência e os crimes em geral cresceram 50%. Diadema, em 1991, era cidade campeã de homicídios. Então o prefeito empreendedor de lá iluminou democraticamente a cidade, a mesma qualidade de iluminação dos bairros melhores até as favelinhas. Os homicídios caíram 44% no ano seguinte.

**Rubens Figueiredo** - Fechou bares...

**Coronel José Vicente da Silva** - Isso foi no projeto que nós fizemos em 2000, 2001. Foi um outro trabalho. Na verdade, não foi fechar o bar em si. Foi o governo chegar lá e fiscalizar os bares... questão da ordem, do imóvel, quais tinham alvará de funcionamento, quem vendia cachaça como quem vende pipoca. O prefeito intimou todo mundo a parar de vender bebida alcoólica, ou iria cassar o alvará. Os que insistiram tiveram o bar fechado, recolheram tudo.

**Rubens Figueiredo** - E aí caíram os homicídios.

**Coronel José Vicente da Silva** - Sim, porque houve a tal presença do Estado para regular os conflitos humanos, que é uma das funções do Estado. Estou com um projeto de requalificação urbana aqui no Largo da Batata, com uma curva de aprendizagem muito grande. Por exemplo, não interessa fazer a iluminação com 30 metros de altura. Tem que fazer na altura adequada para ilu-

minar a cara das pessoas. O ambiente mexe com o comportamento, com as emoções das pessoas. O ambiente iluminado, claro, limpo, atrai as pessoas e o ambiente fica com mais olhos.

Vou dar um exemplo que me foi relatado por um capitão: na Vila Prudente começaram a acontecer alguns estupros em uma rua em que mulheres estacionavam seus carros para pegar a estação do metrô. Ele melhorou o policiamento e, mesmo assim, se a viatura saía um tempinho, o estupro acontecia. Aí veio o setor de Inteligência da PM e negociou com a Prefeitura duas medidas importantes. Era uma via de mão única, mudaram para via de mão dupla. Duas mãos, mais olhos. E aumentaram a iluminação pública. Os estupros acabaram. Aumentou o risco para os infratores com a iluminação e mais gente presente, gerando uma intimidação para o criminoso.

Então, a ideia de trabalhar o ambiente fez o prefeito de Medellín ficar famoso, e nós trabalhamos pouco. Tem prefeito que acha que a Guarda Municipal deve comprar fuzil, que quer fazer que nem o Maluf, que prometia solução “botando a Rota na rua”. Temos várias cidades com GCM de fuzil, brincando de Rambo, né? E as prefeituras têm um imenso potencial de prevenção que não estão usando.

**Ivani Boscolo** - Focando nesse problema que houve agora no Guarujá, eu acredito que a polícia, para a população em geral, é sempre o vilão. E eu diria que a nossa mídia, me desculpando com meus amigos jornalistas, ela tem muita responsabilidade nisso, porque ela só vê o lado ruim, não mostra quando um policial faz uma boa ação. O que o senhor acha disso? Realmente acho que a nossa mídia não coopera para que a polícia seja bem-vista, porque sempre procura noticiar com sensacionalismo.

**Rogério Schmitt** - Isso vale também para cobertura política.

**Coronel José Vicente da Silva** - A mídia é extremamente importante nesse processo, eu acho natural ela questionar. No ano passado a PM de São Paulo foi a vigésima quarta em letalidade proporcional à população de seus Estados. Ganham disparado Amapá, Rio de Janeiro e Bahia. Só Rio de Janeiro e Bahia tem 43% da letalidade policial do Brasil inteiro. Mas a imprensa tem que questionar. É natural matar 16 pessoas em 4 ou 5 dias, logo após a morte de um PM? Não é natural, vamos aguardar a investigação. Mas a imprensa tem que publicar a matéria amanhã, não pode esperar publicar uma matéria daqui a 20 dias, quando terminar a apuração, não é assim. É necessário saber lidar um com o outro, no meu entendimento. Eu cheguei a fazer dois seminários juntando jornalistas e policiais. Um deles foi em 87 e teve até o diretor daquele jornal "Aqui Agora", apresentado pelo Gil Gomes. Jornalismo policial. Mas o diretor do "Aqui Agora" falou uma coisa interessante. Havia o lbope instantâneo, que permitia acompanhar a audiência da sua matéria ao mesmo tempo que via a audiência dos programas concorrentes subindo e descendo. Ele disse: "Nós percebemos que, quando a gente metia o pau na polícia, nosso lbope caía". Não havia internet naquela época. Quando aparecia um herói policial, o lbope subia. Estou tratando de audiência, não estou falando de responsabilidade jornalística.

A imprensa tem uma série de qualidades importantes para o processo de segurança pública. Quem descobriu praticamente a violência contra a mulher foi a mídia. Até então, era uma coisa escondida. Até por causa disso apareceu a Lei Maria da Penha, por causa da mídia. Então uma série de crimes que passavam despercebidos foram aparecendo na cobrança que se faz em cima. No caso do assassinato da Marielle, um assunto interminável, é a imprensa que está no pé. Porque, no crime violento, se você não descobre em 48 horas, é improvável que você vá conseguir depois, quando já apagaram os sinais, disfarçaram tudo o que podia.

A imprensa pode cobrar. Daí o jornal O Globo cobra da PM do Rio: por que só 49% do contingente estão no policiamento? Por que 1/3 da Polícia Civil está nas delegacias? Por que há um policial para cada 400 habitantes no Leblon e um para cada 2 mil em Belford Roxo?"

Então, repito, a imprensa tem um papel importante. Porque a polícia faz muita besteira. Eu acho que tem, sim, que apontar os problemas, é obrigação dela. Ela faz muita coisa importante, mas a obrigação dela é melhorar. A polícia tem que aceitar, é melhor ter uma imprensa que exagera, que erre, do que não ter. Eu prefiro a imprensa errando e cutucando do que o ministro do Supremo falar "Tem que botar câmera no peito do policial", ou "não pode fazer operação". Isso não é coisa de ministro do Supremo cuidar. Gente, paciência. Paciência! Trabalhei em áreas com a imprensa no pé, mas faz parte do ambiente democrático aguentar essas pauladas.

O que é complicado, sem querer me alongar, é o seguinte: a imprensa deu muita cobertura a uma violência que gerou aquele movimento Black Lives Matter, nos Estados Unidos. Mataram um jovem negro numa cidadezinha de 20 mil habitantes, Ferguson, e a narrativa da mídia é que mataram um jovem de 18 anos desarmado, policial desarmado matou um jovem desarmado. Esse caso foi para o grande júri, para ver se ia tocar para frente, levaram as provas, nem foi para julgamento. O grande júri absolveu ali e acabou a história ali mesmo. E a maioria do júri era de negros. Por quê? Descobriram que era um policial franzino, e o jovem de 18 anos pesava 300 libras, 150 quilos, e estava tentando tirar a arma do policial. Naquele sufoco, ele atirou e matou o cara. Deu aquele movimento. Daí mataram o outro lá em Minesotta. Aquilo foi uma estupidez filmada, gravada.

E aí veio uma nova carga do Black Lives Matter, dizendo que a polícia é preconceituosa com relação aos negros. O que aconteceu? Tem um instituto lá em Nova York, o Manhattan Institution, um

pessoal liberal moderado, que afirma o seguinte: esse movimento afirma que a polícia é racista, quando na verdade a polícia foi o principal fator de redução da violência letal nos Estados Unidos ao longo dos últimos anos, da década final de 80 até 2000 e pouco. Então esse foi um trabalho da polícia, que se modernizou, foi sendo cobrada pela justiça, pela imprensa também. O fato é que o apoio absurdo do próprio Obama, de órgãos da mídia, dando força a esse movimento, injusto com as polícias. O que a polícia faz?

Tem um livro de uma ativista de centro-direita, Heather McDonalds, que afirma que, depois disso, a polícia deixou de fazer o seu trabalho nos bairros dos negros. O que aconteceu? Os homicídios aumentaram, subiram 50%, as maiores cidades americanas tiveram aumento de homicídios de mais de 50% nos últimos anos. Então o estrago que a mídia pode fazer nesse sentido é monumental. Entrar numa narrativa com todo o vigor, de abalar a capacidade de prevenção da polícia. Agora vejam: aumentaram os homicídios de quem? Dos negros.

**Sérgio Rondino** - A propósito disso, eu tenho conversado muito com o Túlio sobre a questão da falta de estatísticas relacionadas a esse tema de racismo e violência. Do total de homicídios no Brasil, quantas vítimas são negras e quantas são brancas? E sobre os assassinos, quantos são brancos e quantos são negros? Que fenômeno tem causado mais violência: a pobreza ou o racismo? Esses dados não existem. O Tulio diz que é porque a polícia no Brasil não fornece os dados como deveria. Mas como avaliar um fenômeno social, se não se sabe como mensurá-lo corretamente?

**Coronel José Vicente da Silva** - Nesse campo, quem está devendo mais? Quais são as entidades que não estão cuidando como deveriam dos negros e combatendo o racismo estrutural? Só cobram a polícia. Mas e a área da educação? Da habitação?

Da saúde? De atendimento social? Cadê as outras entidades? Ninguém está cobrando?

É uma área delicadíssima. Os negros estão socialmente muito mais vulneráveis, e por isso acabam sendo protagonistas como vítimas, mas também como agressores. Porque as condições em que eles vivem oferecem essa situação.

**Roberto Macedo** - Sobre o caso do Guarujá, está nos jornais de hoje que menos da metade dos soldados que se envolveram em mortes estavam com as câmeras corporais funcionando. Como é que fica isso? Segunda pergunta: eu, como economista, acho que as condições econômicas da cidade, que se refletem no aspecto social, devem ter muita influência, certo? Quando tive um apartamento no Guarujá, atravessava um pedaço na entrada do Guarujá que era um horror. Isso está lá e gera uma condição social para a proliferação da criminalidade, não é?

**Coronel José Vicente da Silva** - Eu estive no Guarujá esse fim de semana e fui até a praia de Pernambuco. E o caminho que a gente faz da estrada até lá realmente assusta um pouco, inclusive no túnel. Tem umas favelas em volta, coisa que Santos não tem. Santos tem alguma coisa parecida com favela num morro, Santo Antônio, uma coisa assim. Santos é uma cidade estabilizada, cresceu muito pouco ou não cresceu nos últimos anos, e é muito bem cuidada. Até aquele jardim maravilhoso que tem na orla. Mas tudo funciona bem, a guarda funciona bem, a iluminação... Eu estive com o secretário de governo lá, vi o trabalho extraordinário que eles estão fazendo. Mas vejam: no Guarujá os indicadores não são tão ruins. Peguei os do ano passado e deste ano, e estão aumentando um pouquinho, uns 10 por cento. Mas o indicador não chega a 10 mortos por 10 mil habitantes lá. Mesmo com esse conjunto, tem Vicente de Carvalho, que é um bairro grande, 150 mil habitantes, é o Capão Redondo deles, é problemático. Mesmo assim, já foi muito pior lá.

Eu trabalhei lá em 68, voltei lá 55 anos depois. O Guarujá é um desafio muito grande. A polícia foi numa grande operação porque tinha informação do serviço de inteligência, que estava identificando um crescimento, uma presença maior do PCC lá. Porque o grande trabalho ali é feito através da exportação de cocaína em contêineres, não tem disputa de território com boca de fumo para vender maconha e cocaína nas esquinas, como no Rio de Janeiro. Então não estamos tendo esse tipo de problema de matança por território, donos... PCC está ali como está onde tem uma boquinha. E onde passa droga, sobra alguma coisa.

Mas a ação foi mais no sentido de fazer uma presença lá. Tanto que a Rota estava lá muito antes do policial ser morto. Estava lá, o serviço de inteligência estava direcionando um esforço extraordinário lá. Mas mataram o policial, daí ouriçou. Consta que sete mortes não foram registradas por câmeras, que não existiam. Algumas perguntas terão que ser respondidas, o governo não pode escapar dessa transparência.

**Roberto Macedo** - Houve um sujeito que morreu porque era um indigente.

**Coronel José Vicente da Silva** - Isso aí é muito difícil de apurar. Como aconteceu no Jacarezinho também. Então, o governo vai ter que responder o seguinte: por que aquela unidade que estava lá operava sem câmeras? Ou, se deveria ter câmeras, quem autorizou que essas câmeras não estivessem sendo usadas? Elas não podem ser desligadas quando saem do carregador. Algumas perguntas difíceis vão ter que ser respondidas, porque a transparência é fundamental. Aliás, o único serviço que tem essa transparência num nível de rua é a polícia. Professor não tem, médico não tem. Devia ter, seria muito interessante. É o maior nível de transparência absoluta, né?

Uma coisa que é importante mencionar aqui: os

governos precisam tomar muito cuidado, primeiro em não deixar a polícia cuidar de si mesma, tem que ter política para a segurança. E dizer exatamente: o que eu quero, como responsável eleito, e o que eu não quero. Então a polícia depende de um plano, de um diagnóstico: em que condição estamos? Que recursos temos? Do que precisamos? O problema é recurso e estratégia, como fazer para melhorar as coisas.

Mas qual governo tem um plano de segurança? Na gestão anterior, na gestão do general Campos e do coronel Camilo, havia 35 estratégias, estão publicadas no Diário Oficial, tudo bonitinho, mas tem aquela descontinuidade de mudança de governo. O que não pode é o governo se sujeitar ao discurso que faz na campanha, ou o que fala para a imprensa, e resvalar para um simplismo que de vez em quando aparece no Brasil.

Você percebe que nossa polícia de vez em quando tem uma situação meio pendular, meio bipolar. "Ah, polícia comunitária, polícia de proximidade". Daqui a pouco entra na Rocinha e mata 17, entra no Guarujá, mata 16, a Bahia matou 55 em uma semana. É como a política americana, tem as pombas e tem os falcões. Aqui também temos as pombas do policiamento comunitário, proximidade, prefeitura, e de repente vem a turma que quer mostrar músculos, mostrar força. Até porque isso rende voto. Rambo da polícia... E a bancada da bala vai nesse discurso.

**Túlio Kahn** - Meu interesse também é sobre a questão da letalidade policial. Há cerca de 30 anos, acho que desde 1993, a Polícia Militar de São Paulo vem fazendo convênios e dialogando com uma série de instituições, inclusive a USP, para adotar práticas novas de atuação, com aulas de direito humanitário, direito da guerra, cursos da Cruz Vermelha, manuais de procedimento com regras de engajamento para os policiais, tratamento psicológico e até a criação da ouvidoria, a adoção dos POPs, agora as câmeras corporais. Enfim, uma série de mudanças institucio-

nais e controles adotados o tempo todo, num crescente. Agora parece que, por algum motivo, nada disso é suficiente quando a polícia tem um gestor com discurso linha dura. Mudou o discurso na Secretaria de Segurança, lá embaixo a tropa sabe interpretar direitinho. Quando há falas do secretário e do governador justificando a violência, a coisa aumenta. Não é só Guarujá, né? Parece que, por mais que a gente crie instituições e práticas contra a violência, há uma cultura muito forte, né?

**Coronel José Vicente da Silva** - Isso é interessante, Túlio. Eu passei por praticamente todos os Estados, fui a cinco congressos de uma associação internacional de chefes de polícia, nos Estados Unidos. Fui até diretor dessa associação para a área de policiais da América Latina. A gente observa que, quando há mudança de governo ou mudança do secretário de segurança ou chefe de polícia, o chão de fábrica da polícia fica olhando as mensagens que virão de lá. Por isso, um governador precisa ter um cuidado muito grande com o que fala. Quando um Maluf falava "vou botar a Rota na rua", passava a mensagem de que é para reprimir, para mandar bala. Daí começa a escolha dos chefes das unidades mais pesadas, "esse cara aí é estrelado". Mesmo no Estado de São Paulo, nos últimos tempos, praticamente todos os últimos cinco ou seis comandantes gerais vieram da Rota. É que os governos têm essa ideia. Lá no Rio de Janeiro é o tal do "caveira", alguém que passou pelo Bope. Eles usam no quepe o símbolo da caveira, as pessoas acham bonito aqui no Brasil. Mas você tem razão nesse ponto: o pessoal fica ouvindo e pensando "estamos liberados ou...?"

Mas, embora isso aí afete e excite os falcões, um estudioso da polícia nos Estados Unidos falava o seguinte: "O chefe da polícia não manda na polícia. O governador e o prefeito mandam menos ainda". Porque quem manda na polícia é o comandante do batalhão, o capitão. Daí pra cima ninguém manda

mais nada. Porque quem está com a tropa na mão é o capitão, é o gerente operacional pra valer. Por isso, a grande vacina que a gente tem contra isso é esse preparo que a PM de São Paulo está fazendo, esse trabalho bacana de preparar a base - o soldado, o sargento - e ter uma estrutura mais ou menos uniformizada dos capitães, para evitar que essas influências políticas acabem azedando um pouco essa movimentação.

As polícias que vão bem têm a estrutura territorial bem feita, bem estruturada, acho que é o caso de São Paulo. Não é o caso do Rio de Janeiro, onde o pessoal disputa comando de companhia para achar o comércio, o empresário das regiões em que estão trabalhando. Isso é uma dura realidade.

**Rubens Figueiredo** - Coronel, existe esse fenômeno do bukelelismo, política do presidente de El Salvador, Nayb Bukele, que estimulou uma política de encarceramento das pessoas e de proteção de julgamentos, levando suspeitos à prisão só pelo fato de terem sido denunciados anonimamente. E isso gerou uma popularidade muito grande desse presidente de El Salvador, levando à adoção desse discurso por alguns políticos da América Latina. Essa linha dura tem uma certa popularidade na opinião pública. E a esquerda, ao contrário, não tem muita política pública. Fala da desigualdade, que polícia é cão de caça na periferia, coisas dessa natureza. E me parece que a opinião pública prefere o exagero na segurança do que a defesa dos direitos humanos. Como o senhor avalia essa questão?

**Coronel José Vicente da Silva** - Os políticos brasileiros descobriram que falar grosso rende voto. Falar de direitos humanos não rende votos, evidentemente, a não ser na turminha de sempre, e é pouco, não é suficiente. Esse fenômeno do Bukele de El Salvador está propagando muito para alguns candidatos extremistas, inclusive da nossa Argentina. Equador também está querendo



entrar nessa, nesse discurso. El Salvador é um país cronicamente violentíssimo. Lá e em alguns países vizinhos existe um fenômeno que são gangues de jovens, que chamam de Maras, e são incorrigíveis. Muitos desses jovens foram para os Estados Unidos, foram expulsos de lá e voltaram com mais experiência ainda. Eu fui a uma reunião em Bogotá, de uma fundação alemã de esquerda, com vários países da América Latina representados por pessoal da área de segurança. Eles não viam saída para esse problema de El Salvador.

É importante observar que são países com instituições públicas fragilizadas, o próprio Judiciário e outras instâncias de gestão pública. Então as gangues fazem o que querem porque não há freios por parte do Judiciário. Então, esse bukelelismo é uma tendência que pode pegar em países fragilizados, sem soluções democráticas decentes. Não é uma política de segurança para valer, é um discurso imprestável. Não tem o menor sentido aplicar aqui alguma coisa assim, mas o discurso vem. O Bolsonaro veio com o discurso da segurança, e o que ele fez? Nada. Botou no Ministério um zé mané que está preso, respondendo na CPI do 8 de janeiro, é um delegado da Polícia Federal que é um zero à esquerda, não fez nada, pegou o dinheiro do Fundo Nacional e deu tudo igualzinho, dividiu por 27, deu um pouco pra cada Estado, como se o Amapá fosse igual a São Paulo. Aquele governo não teve política de segurança.

Do presidente Fernando Henrique para cá tivemos dois planos de segurança. Um do próprio governo do Fernando Henrique, que era um plano até bonzinho, eu o estava relendo e discutindo na PM há um tempo. E outro plano feito no governo Temer, pelo ministro Raul Jungmann, bem calibrado, podia-se reparar alguma coisa, mas era um plano. Aí veio o novo governo e jogou no lixo aquilo tudo. Depois veio a conversa de voltar para o plano do Tarso Genro, o tal de Pronasci. "Pronasci morto", né? O Túlio até fez uma pesquisa da efetividade daquele plano. Não funciona. Ele prometia, em quatro anos, reduzir

de 40 para 12 mortos por 100 mil habitantes. Claro que não funcionou. Eles gostam desses nomes "segurança e cidadania", segurança cidadã... Para mim é segurança, e ponto.

Mas, enfim... El Salvador não é modelo para nada.

**Hélio Michelini Pellaes Neto** - Eu hoje ouvi na CBN uma fala do presidente da República na Cúpula da Amazônia, dizendo que o antecessor tinha aberto as portas para o crime organizado naquela região. Em 2007, no final do primeiro mandato desse mesmo presidente Lula, eu fui como avaliador de um projeto do Banco Interamericano fazer uma inspeção num campo de seringas, de exploração da seringa, a 100 km de Rio Branco, na Amazônia brasileira, sentido Peru. E eu lembro de estar entrando na mata, saindo da estrada principal e entrando em uma vicinal, e vi várias vielas, ruas pequenas abertas dentro da floresta. Perguntei o que era aquilo e eles me disseram que eram rotas de tráfico de armas, de madeira, de drogas, que eram rotas ilegais. Ou seja, em que pese a alternância de poder político no Brasil desde a ditadura militar, a insegurança, a dificuldade em controlar o crime organizado é a mesma, independe da ideologia política. Nesse sentido, se a gente pensar exclusivamente no combate ao crime organizado, como o senhor avalia a participação do Exército no controle das fronteiras do Brasil?

**Coronel José Vicente da Silva** - Bem, você esteve na Amazônia, eu estive lá algumas vezes, e aquilo é um desafio... eu não sei que país teria condição de enfrentar aquilo. Você não tem essa sensação? Dizem: "as armas e as drogas vêm pelas fronteiras". Claro, não é em toda a fronteira, há alguns pontos um pouquinho mais demarcados. Mas quando você fala em fronteiras, são 17 mil quilômetros, é a distância daqui a Tokio, em que se leva 24 horas para percorrer em avião. Essa é a nossa fronteira. E ela é cheia de água, de jacaré, essa coisa toda.

No Pará, por exemplo, que tem área maior que a da França, a polícia tem demanda urbana e nem consegue cuidar. Tem o pior índice de esclarecimento de homicídios do Brasil, de 4% no levantamento do Ministério Público. Eles não têm condição e estrutura de cuidar do território fora das áreas urbanas. Mesmo as polícias de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, que estão numa área pesada, crítica, da fronteira com a Bolívia, não têm condição. A gente sabe que vem muita droga por Cáceres, por Cruzeiro do Sul, no Acre. Mesmo assim, a estrutura policial é precária. Para mim, há uma necessidade enorme de se implantar as Forças Armadas por lá. Porque eles têm preparo para operação em ambiente rústico, eles têm capacidade de logística como ninguém tem. Eu vi até o ministro Flávio Dino falando: "Ah, vamos criar uma Força Nacional Civil". Quem sabe cuidar de logística e rusticidade de área de operação é só milico.

A necessidade nossa é imensa. Então, nós precisaríamos pensar grande, porque não dá para pensar pequeno, simples, para um problema grande e complexo. Aquela região no Amazonas e fronteiras é de um gigantismo... Por que o tráfico entrou? Não é porque o governo deixou, é porque as condições geraram oportunidade para isso. O Exército tem tropa lá, tem uma estrutura de batalhões de infantaria de selva, para uma reação eventual de proteção de fronteira. Um major do Exército contou o seguinte: estava comandando o destacamento, que tem cento e poucos homens, na fronteira com a Venezuela. Um dia prenderam um venezuelano que estava com uma mala cheia de dinheiro e levaram para o comando do destacamento. Mas, horas depois, chegou lá um guerrilheiro da Venezuela: "Major, tienes una plata nuestra", aquela conversa. Disse que queria o dinheiro de volta, que tinha 300 homens armados ali e sabia que o major não tinha nem 100. Que ele não queria travar uma batalha com os brasileiros, que saíam perdendo. O major entregou o dinheiro rapidinho para o guer-

rilheiro e depois explicou: "Foi fácil a decisão. Não esquentei a cabeça".

Então nós temos alguns pontos delicadíssimos na fronteira. A expectativa que se tem, evidentemente, seria definir e atuar nas áreas que são mais críticas, não é colocar um batalhão, um pelotão a cada 100km. Mas é uma área tão conturbada, tão complexa, que esse é um grande assunto para escola de Estado Maior, curso superior de guerra, não é para nós, pobres mortais.

**Januario Montone** - Quero voltar ao tema da violência urbana, mortes por prisões como um indicador de letalidade. Qual é o aceitável, qual é a escala? O Tulio falou de 1 para 10 no Guarujá. Estatisticamente, o que é aceitável? É uma segunda pergunta: o senhor comentou que a polícia tem mais pombos do que falcões. Então, por que os falcões não são punidos normalmente? Os pombos não se organizam ou eles têm espírito de corpo?

**Coronel José Vicente da Silva** - Eu tenho certeza de que os pombos estão vencendo devagar e aos poucos. Os falcões aparecem de vez em quando, acontecem umas recaídas. É que sem os pombos a segurança não existe, porque são eles que estão cuidando do seu bairro. Se há problema no mercado da Lapa, não é a Rota que vai lá, é a viatura do quarto batalhão que vai estar passando por lá e atende o cidadão: "Ô, seu guarda..." E o policial vai dizer: "Ah, já conheço o problema, trabalho aqui há 10 anos". Essa é a polícia que nós precisamos. Ela é a maioria.

O problema é que, na história das PMs, a ideia da repressão truculenta é muito forte. Antigamente, a ideia era esta: eu vou assustar bandido, vou matar bandido, vou prender bandido como uma forma de segurança. Mas essa é a política de resposta. Resposta o que é? Depois que o crime aconteceu. Daí evoluiu para uma polícia mais voltada para a comunidade. A partir de 1983, com a volta dos gover-

nos estaduais eleitos, como Franco Montoro em São Paulo, José Richa no Paraná, Tancredo Neves em Minas, Brizola no Rio de Janeiro, começou a pressão por uma atuação mais social, mexendo com a cabeça das polícias. E aí as polícias deixam de ser comandadas por generais ou coronéis do Exército, como foi aqui em São Paulo, e passam a ser comandadas por seus oficiais.

Mas só no final da década de 90 começam a ocorrer algumas mudanças, porque começamos a importar boas soluções de fora. Um exemplo foi o mapeamento criminal que eu vi lá nos Estados Unidos em 1995, era o comecinho do sistema de Nova York. Foi aí que a polícia percebeu que os crimes não se espalham por todo o território, eles têm pontos de concentração. Se todos os furtos da cidade de São Paulo acontecem em 25% do território, tem que saber onde. Com cada registro de ocorrência vai se fazendo um monte de pontinhos no mapa, até se poder decidir: “É aqui que nós vamos agir”.

E quem trabalha nessa evolução? Não é a Rota, é o batalhão da área. Então a evolução está indo nessa direção. A população não precisa de heróis ousados e insensatos. Ela precisa que a polícia seja inteligente. Eu acho que estamos chegando num estágio agora de prevenção em profundidade. Se uma esquina está tendo muitos roubos de celulares, logo se pensa em colocar uma viatura ali e espantar os bandidos. Mas é melhor conversar com a prefeitura: “Escuta, está havendo muito roubo de celular aqui, estão roubando lojas aqui. Por quê? O que está atraindo esse tipo de bandido para esse

tipo de crime?” Daí você começa a fazer um diagnóstico de desmontar as atrações do crime. Então, não é prendendo mais e matando mais que você reduz o problema de violência numa sociedade. Nós estamos evoluindo, os falcões aparecem, mas a tendência é que eles vão ficando cada vez mais como um segmento da polícia.

Qual o efetivo que a Rota tem no conjunto da polícia? Nem 1%. Qual o efetivo do Bope no Rio de Janeiro? É 1 ou 2%. São eles que fazem a diferença? Não pode ser. Então, qualquer governo sensato prefere trabalhar com a maioria discreta e silenciosa, que está produzindo. Eu fui uma vez visitar a polícia da Filadélfia, estudar o plano estratégico deles, e aprendi lá como viam a missão da polícia, uma coisa irretocável, nunca mais esqueci: “Contribuir para a qualidade de vida da população na Filadélfia através da redução do crime, da redução da desordem e da redução do medo”. Então, a função de todo o aparato de segurança não é reduzir o crime, matar, atacar, é melhorar a qualidade de vida da sociedade. E às vezes demora muito para os governos entenderem esse grande papel que ela tem. Mas é isso aí.

**Sérgio Rondino** - Coronel, em nome do Espaço Democrático quero agradecer por sua gentileza de participar de nossa reunião, trazendo dados e avaliações importantes para nossos trabalhos. Muito obrigado.

**Coronel José Vicente da Silva** - Eu é que agradeço a vocês. Foi uma honra, mais uma vez.



<p>Presidente <b>Alfredo Cotait Neto</b></p> <p>Coordenador Nacional de Formação Política <b>Raimundo Colombo</b></p> <p>Coordenador Nacional de Relações Institucionais <b>Vilmar Rocha</b></p> <p>Secretária <b>Ivani Boscolo</b></p> <p>Diretor Superintendente <b>João Francisco Aprá</b></p>	<p><b>Conselho Consultivo</b></p> <p>Presidente <b>Guilherme Afif Domingos</b></p> <p>Conselheiros <b>Alda Marco Antonio</b> <b>André de Paula</b> <b>Cláudio Lembo</b> <b>Omar Aziz</b> <b>Otto Alencar</b> <b>Rafael Greca</b> <b>Ricardo Patah</b></p>	<p><b>Conselho Superior de Orientação</b></p> <p>Presidente <b>Gilberto Kassab</b></p> <p>Conselheiros <b>Antonio Brito</b> <b>Belivaldo Chagas</b> <b>Carlos Massa Ratinho Junior</b> <b>Eduardo Braide</b> <b>Eduardo Paes</b> <b>Fuad Noman</b> <b>Guilherme Campos</b> <b>Letícia Boll Vargas</b> <b>Rodrigo Pacheco</b> <b>Samuel Hanan</b> <b>Topazio Silveira Neto</b></p>
---	---	---



[www.espacodemocratico.org.br](http://www.espacodemocratico.org.br)